

O Vaga-Lume

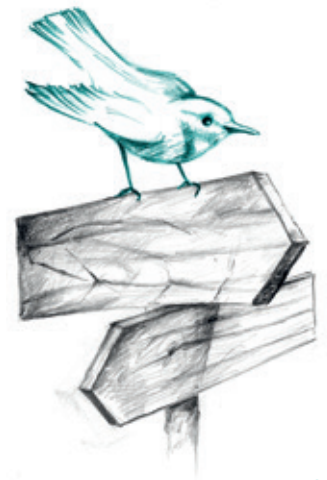
Literatura do GRAAL

livre-arbítrio

O que nos faz enveredar por uma determinada alameda, em detrimento de outras? Sujeitos a tantas influências, ainda temos poder de escolha, autonomia e livre decisão? “Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito”, escreve o poeta Manoel de Barros. Que jeitos seriam esses que nossas livres escolhas teriam de caçar para tornarem-se efetivamente livres e saírem de trilhos impostos, tantas vezes por nós mesmos?

“O livre-arbítrio é uma característica do espírito.”

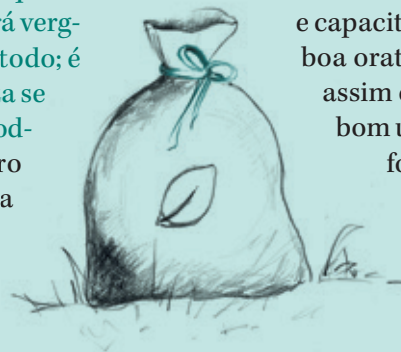
Roselis von Sass



página 2

Qual a sua fortuna?

Uma jovem recebe uma grande herança e, diferentemente do que se imagina, fica preocupada: “Uma grande fortuna significa liberdade e tenho medo disso. É uma coisa muito boa e algo de que se deve fazer bom uso. E, se não fizer, haverá vergonha nisso. E é preciso pensar o tempo todo; é um esforço constante. Não tenho certeza se não será uma felicidade maior não ter poder algum”, escreve Henry James no livro *Retrato de uma senhora*. Interiormente a jovem parecia saber que qualquer tipo de poder merece ter bom uso, serve para servir. E se considerarmos



que a fortuna e o poder abrangem mais itens do que dinheiro, cargo ou fama? Tudo o que a vida oferta é uma espécie de poder, uma semente pedindo para frutificar. Não é à toa que cada pessoa tem talentos e capacitações singulares. Uma pessoa dotada de boa oratória tem o poder de influenciar muitos, assim como um professor. Cada um pode fazer bom uso da sua fortuna, seja ela de que espécie for, direcioná-la para propósitos egoísticos ou para engrandecer e enobrecer seu universo de atuação e inspirar os que estão ao redor. Como você vai cuidar da sua fortuna hoje?

Leia também

Natureza em transformação

página 3

Sementeira de ideias

página 4

A encruzilhada

“O livre-arbítrio! É algo diante do que até mesmo seres humanos eminentes se detêm pensativamente, porque havendo responsabilidade, segundo as leis da justiça, também deve haver incondicionalmente uma possibilidade de livre resolução.”

Abdruschin, *Na Luz da Verdade*

Diante de uma encruzilhada, que oferece várias direções, ficamos parados. Parados e pensativos: Qual caminho percorrer? O próximo passo nos levará a certas paisagens, experiências e também às consequências decorrentes do percurso escolhido.

A imagem da encruzilhada é comumente usada como metáfora para um ponto crítico na vida, um cruzamento de caminhos em que é preciso tomar uma decisão. É um encontro com o desconhecido, e esse senhor nos intimida. Mas uma encruzilhada pode também simbolizar esperança, uma nova possibilidade de escolher um caminho bom. “Que suas escolhas reflitam suas esperanças, não seus medos”, dizia o estadista Nelson Mandela.

Diante dos diferentes caminhos, muitos se questionam: O que nos impulsiona a enveredar por uma rota específica? Existe o livre-arbítrio? Qual a sua relevância, se consideradas variáveis como a genética, o destino, o carma e, ainda, os experimentos da neurociência? Pressionado adicionalmente pelo materialismo, pelas artimanhas de todo tipo de *marketing* e pelas avançadas tecnologias que pretendem determinar impulsos de compra e opiniões, o livre-arbítrio parece bem tolhido no tempo presente.

Podemos tomar como premissa que uma parte das questões que nos afetam no presente já tenha sido determinada por nossa livre vontade

em épocas passadas e agora consiste em destino ou carma. Podemos assumir também que somos influenciáveis em muitos aspectos.

Mas, por baixo das camadas materiais, há algo que pulsa no âmago de cada ser humano. Um anseio que, por vezes, brota antes da consciência e pode ir, inclusive, contra sua própria racionalidade. Em situações inusitadas ou exigentes, podemos reagir de formas diferentes daquelas que imaginávamos e chegamos a ficar surpresos com nossa própria maneira de ser. Somos indivíduos.

Talvez só seja possível admitir a existência do livre-arbítrio ao constatar que o ser humano é algo mais do que matéria: “O livre-arbítrio, que sozinho atua tão incisivamente na verdadeira vida, de modo que se estende para longe no mundo do Além, que imprime seu cunho à alma, sendo capaz de moldá-la, é de espécie totalmente diferente. Muito maior para ser tão terrenal. Por isso não está em nenhuma ligação com o corpo terreno de matéria grosseira, portanto, nem com o cérebro. Encontra-se exclusivamente no próprio espírito, na alma do ser humano”, escreve

Abdruschin em *Na Luz da Verdade*.

Atualmente, escutar o livre-arbítrio não é processo instantâneo e nem fácil. Um tanto sufocado por conta de uma longa história de cultivos materiais em



detrimento de aprofundado trabalho interior, o arbítrio talvez não esteja tão livre quanto seria desejado. Mas isso não significa que absolutamente tudo seja predeterminado e que somos apenas previsíveis fazedores de coisas.

Questionar-se sobre o alcance do próprio livre-arbítrio é o começo para instigar a forma individual e particular de se expressar e de fazer escolhas. O que nos limita? Correntes criadas por nós mesmos e outras que nos amarram aos outros? Carência e necessidade de aprovação? Imersão demasiada em grupos e na família, causando quase uma dissolução do “eu”? A soberania que ofertamos a um prazer cotidiano até que ele cresça senhor de nós?

Exercer a livre decisão é resgatar uma parcela de liberdade e de responsabilidade para si, cultivando a autonomia. Para tanto é preciso religar as conexões com a voz que vem de dentro. Escutar a voz da alma e libertar o que oprime, oferecendo voo às asas. Cada um como ser único, singular, capaz de frutificar em cada nova encruzilhada que a vida puder ofertar.



NA LUZ DA VERDADE
Mensagem do Graal
Abdruschin

► Sintonia

Natureza em transformação

Num tempo em que as pessoas ainda estavam em sintonia com as vozes da natureza, as transformações naturais que se faziam necessárias não afetavam necessariamente a vida humana. Era possível receber avisos sobre ameaças de perigo. Contudo, nem sempre os alertas eram atendidos.

Em um trecho de *A Verdade sobre os Incas*, a escritora Roselis von Sass relata a viagem do povo inca ao deixar seu vale. Num determinado momento, o deslizamento de uma montanha interrompe a continuação do trajeto que o grupo fazia com a ajuda das lhamas, sendo necessário descer por um desfiladeiro:

— Aqui cheira a decomposição! disse a mulher de San, olhando em redor, como se procurasse algo.

— Nada encontrarás! disse San. Pois a montanha soterrou, debaixo de si, todos os que outrora viveram aqui. Tudo indica isso.

— Soterrou? perguntou ela incrédula. Não, os espíritos da montanha não matam nem soterram seres humanos!

— Os seres humanos que aqui viveram, disse San explicando, decerto foram incentivados a deixar esta região a tempo. Isto eles sempre fazem, quando nas montanhas um perigo ameaça as pessoas.

Na saída do desfiladeiro ecoaram exclamações jubilosas. Conduzidas por um dos homens, as crianças levavam com segurança seus animais de montaria através do

“Aqui na Terra estamos envoltos por um grande mundo invisível, no qual atuam forças e espíritos que nos guiam, tanto no bom como no mau sentido.”

Roselis von Sass

desfiladeiro e subiam agora para as planícies ensolaradas.”

Também na época da Atlântida, noticiada pelo sábio filósofo Platão, os moradores foram alertados para deixar a região a tempo. Muitos não deram ouvidos aos avisos dos sábios e da natureza e não saíram da área que seria atingida pelas águas.

“Vendavais, chuvas de granizo, terremotos, maremotos e até mesmo erupções vulcânicas abalavam o país. Mas os seres humanos remanescentes pareciam estar cegos e surdos. Apesar de todos os presságios da natureza, continuavam a acreditar que ainda tinham muito tempo diante de si...”, escreve Roselis von Sass, em *Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia*.

Resgatar a relação com a natureza é um dos alicerces para saber por qual trilha seguir. Às vezes, nos acontecimentos simples como nos grandiosos, a vida exige mudança e atitude. Contudo “ninguém pode ser obrigado a fazer algo que não quer, pois tão só o ser humano é senhor do seu próprio destino”, lembra a autora Roselis von Sass.

ATLÂNTIDA. Princípio e Fim da Grande Tragédia
Roselis von Sass
Brochura • E-book

A Verdade sobre os INCAS
Roselis von Sass
Brochura • E-book



Sementeira de ideias

A menina colecionava sementes no quintal.

Chamava-as de nenéns.

Cuidava dos nenéns como se cuida de gente pequena.

Olhava uma a uma e juntava-as num saquinho de pano

ou nos bolsos da calça fofa de veludo.

Todo mundo tem uma lembrança de colher fruta do pé ou semente do chão. Não é à toa. Essas ações, aparentemente simples, guardam em si perfume e frescor e despertam gratidão pela grandiosidade e fartura que a natureza oferta.



lá como se pudesse alimentar-se também de estrelas.

A experiência daquele dia me fez pensar sobre o equilíbrio: Quanto do nosso tempo de vida passamos cuidando das coisas que são terra e quanto tempo mantemos presente a lembrança do céu? ➔

Mais do que dadivosa, a natureza é fonte inesgotável de alegorias sobre a vida, o que provoca a colheita de ideias, além da colheita dos frutos.

Uma colheita que ficou armazenada na minha memória foi a de pinhões num dia de férias de outono. Já notou que colher pinhões mantém o olhar encantado no chão? De pinhão em pinhão, ficamos concentrados em busca da próxima semente e assim podemos passar um bom tempo, dia adentro, sem notar o que está acontecendo ao redor.

Naquele mesmo final de tarde, já com uma sacola cheia das sementes, o anoitecer chegou trazendo uma surpresa. O cenário era o mesmo, mas o olhar já não buscava os pinhões do chão. Entre as araucárias, surgiam muitas estrelas, salpicando de luz céu e árvores como num Van Gogh de amarelos e azuis. O olhar, atraído para o céu como um ímã, ficou

“Finalmente chegou o dia por todas as crianças tão ardentemente esperado: o dia de ‘espalhar sementes’.

Ao nascer do sol, as crianças, montando pequenos burricos ou sentadas em três sobre robustas mulas, saíram da cidade. Cavalgavam, aliás, em direções diferentes, espalhando sementes. Cada criança carregava uma cestinha, trançada por ela mesma, cheia de sementes, bem como uma pazinha de madeira. As sementes de tâmaras não eram espalhadas, mas, sim, eram plantadas cuidadosamente no chão arenoso.

As crianças juntavam para essa finalidade as sementes de todas as frutas que comiam durante o ano inteiro, bem como as sementes de flores, arbustos, de especiarias e até de gramas.”

Roselis von Sass,

Sabá, o País das Mil Fragrâncias

AO LEITOR

A Ordem do Graal na Terra é uma entidade criada com a finalidade de difusão, estudo e prática dos princípios da Mensagem do Graal de Abdruschin “NA LUZ DA VERDADE”, e congrega as pessoas que se interessam pelo conteúdo das obras que edita. Não se trata, portanto, de uma simples editora de livros. Se o leitor desejar uma maior aproximação com as pessoas que já pertencem à Ordem do Graal na Terra, em vários pontos do Brasil, poderá nos contatar:

Por telefone:
(11) 4781-0006

Por carta:
ORDEM DO GRAAL NA TERRA
Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - São Paulo

Internet:
www.graal.org.br
graal@graal.org.br
literaturadograal.blogspot.com.br
www.facebook.com/OVagaLume

Sucursais:

Apucarana	(43) 3422-3331
Campinas	(19) 9 9261-2772 (11) 9 8469-4067
Cuiabá	(65) 3624-8199
Curitiba	(41) 3672-3500
Fortaleza	(85) 3267-9004
Franca	(16) 3701-0200
Gravataí	(51) 3431-6843 (51) 9 9955-3548
Santo Ângelo	(55) 3312-6123

Os livros editados pela Ordem do Graal na Terra podem ser adquiridos em diversas livrarias e bancas, através da Internet ou do telemarketing. Também estão disponíveis para consulta em várias bibliotecas. Verifique na sua cidade.

O Vaga-Lume
Literatura do GRAAL

ORDEM DO GRAAL NA TERRA

Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - SP
Fone e Fax: (11) 4781-0006
graal@graal.org.br

Edição simplificada da Revista O Mundo do Graal editada pela Ordem do Graal na Terra e registrada no Cartório do 2º Ofício de Notas e Anexos, da Comarca de Itapeverica da Serra, São Paulo.

Frases e trechos de livros citados nesta publicação, que não aqueles de livros editados pela Ordem do Graal na Terra, são apenas ilustrativos. A entidade é independente, não tendo relação

com outras filosofias e autores, nem com outras opiniões expressadas por eles.

Tiragem: 28.000
Certificação FSC®

2019 - maio/junho/julho/agosto

Redação/Jornalista Responsável:
Sibélia Schuler Zanon
MTb: 40.610

Ilustrações: Fátima Seehagen
Projeto Gráfico e Diagramação:
Indaia Emília Schuler Pelosini
MTb: 19.109